

**MARIBEL CANALI CORDEIRO**

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ACAMPAMENTO EMILIANO  
ZAPATA EM PONTA GROSSA-PR**

**CURITIBA,2007**

**MARIBEL CANALI CORDEIRO**

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ACAMPAMENTO EMILIANO  
ZAPATA EM PONTA GROSSA-PR**

Monografia apresentada ao Programa de Residência Agrária da UFPR e Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar e Camponesa como requisito parcial ao título de especialista.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Ms. Rogério Macedo Barbosa.

**CURITIBA, 2007**

## TERMO DE APROVAÇÃO

**MARIBEL CORDEIRO**

### **OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO ACAMPAMENTO EMILIANO ZAPATA EM PONTA GROSSA-PR**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, Agricultura Familiar Camponesa, do projeto Residência Agrária, Setor de Fitotecnia, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora.



---

Professor MSc. Rogério Barbosa Macedo (Orientador)



---

Professor Dr. Eli Lino de Jesus



---

Professor Dr. Manoel Flores Lesama

Curitiba, 15 de Março de 2007.

Dedico este trabalho à meus queridos filhos Maria Cecília e Felipe Matheus pela força,  
amor e compreensão que foram determinantes durante esta caminhada.

À minha família que se mostrou muito presente na minha vida em todos os momentos.

Aos moradores do Acampamento Emiliano Zapata- Ponta Grossa -PR pela acolhida e  
convivência rica que me proporcionaram.

Dedico também a todas as pessoas que me apoiaram durante este curso de Especialização .

## SUMÁRIO

### RESUMO v

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1 OBJETIVO GERAL.....	7
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	7
1.3 METODOLOGIA .....	8
<b>2. A PROBLEMATIZAÇÃO DA REALIDADE .....</b>	<b>12</b>
2.1 OBSERVAÇÃO DA REALIDADE E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	12
2.1.1 PROBLEMA DA PESQUISA .....	17
2.2 DEFINIÇÃO DOS PONTOS-CHAVE DO PROBLEMA.....	17
<b>3. TEORIZAÇÃO .....</b>	<b>20</b>
3.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	20
3.2 AGROECOLOGIA .....	26
3.3 EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA.....	32
3.3.1 CONCEPÇÃO DO MOVIMENTO E APRENDIZADOS DOS MORADORES DO ACAMPAMENTO EMILIANO ZAPATA.-(RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS) .....	32
<b>4. DELINEANDO HIPÓTESES DE SOLUÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>38</b>
4.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	38
<b>5. APLICAÇÃO À REALIDADE.....</b>	<b>44</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>50</b>

### LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1- Arco de Maguerez. ....</b>	<b>9</b>
---	----------

### LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Pontos-chave do problema pesquisado e suas respectivas hipóteses de solução.....</b>	<b>44</b>
--	-----------

## RESUMO

Este trabalho diz respeito aos desafios da educação não formal no acampamento Emiliano Zapata em Ponta Grossa- Pr. Nesta investigação tivemos três objetivos: Entender quais são as estratégias de educação não formal no MST com vistas a consolidação do modelo agroecológico; compreender o papel que os espaços de educação não formal têm tido na adoção de modelos de produção agroecológicos no MST –PR; elaborar subsídios que possam orientar novas ações de educação não formal no acampamento Emiliano Zapata. O trabalho foi conduzido pelas cinco etapas da metodologia da problematização pelo Arco de Maguerez. Depois da primeira etapa da Observação da Realidade levantamos o problema: de que maneira os espaços de educação não formal, criados pelo MST em seus acampamentos, podem assumir um caráter educativo mediante a intencionalidade de se implantar um modelo agroecológico? Na segunda etapa após uma reflexão sobre o problema elegemos três pontos chaves que orientaram a fase de Teorização. Para o MST a educação nunca está dissociada de um projeto político, de um projeto de ser humano. Verificou-se que a concepção de Educação do campo é construída a partir de um processo de luta social, de reflexão coletiva e de práticas educativas coladas às lutas dos movimentos sociais do campo. Articulada a luta pela terra, constrói-se no campo a luta pelo direito a uma educação assumida como direito dos trabalhadores do campo, construída com e não para os sujeitos do campo. Verificou-se que a agroecologia faz parte dessa nova concepção de campo e que o MST pensa a agroecologia como uma forma concreta de organizar a produção, e de a partir dela se contrapor ao modelo de agricultura difundido pelo agronegócio. Verificou-se também que a visão dos moradores do acampamento sobre agroecologia se traduz entre outros no conceito de produção sem agrotóxicos, de preservação ambiental e de alimentos mais saudáveis. Na etapa de hipóteses demos sugestões de como tornar os espaços de educação não formal no acampamento mais educativos. A etapa de aplicação à realidade mostrou quais ações que assumimos de transformação da realidade. Este trabalho se traduziu em oportunidade de construir conhecimento na área de educação a respeito de um movimento social.

Palavras chave: educação não formal, MST, agroecologia, metodologia da problematização.

## 1. INTRODUÇÃO

As demandas por Reforma Agrária, a partir do final da década de setenta, acompanhando o processo de transição para a democracia, acabaram por resultar na criação de mais de quinhentos assentamentos por todo o país, comportando um número aproximado de noventa e cinco mil famílias, até o final do século passado (MST, 2001)

A viabilização de um assentamento de Reforma Agrária no país, tendo em vista o contexto histórico de concentração fundiária e marginalização de grande parte da população rural, apresenta-se atualmente como um desafio aos estudiosos do assunto, por se tratar não apenas da única oportunidade de cidadania para uma massa desvalida, mas também por se observar que muitas iniciativas passam a se orientar por modelos de organização da produção e de sistemas produtivos não-convencionais.

No que refere ao tipo de sistema produtivo, costuma-se observar uma tentativa de adequar a “moderna agricultura”, ou seja, o modelo convencional baseado em regime de exploração sob o paradigma da Revolução Verde, à realidade socioeconômica e de meio físico de diversos assentamentos.

Porém, em geral, a realidade nestes assentamentos se caracteriza pela baixa qualidade dos recursos naturais, em especial quanto ao solo; significativa escassez de recursos financeiros para investimentos e, finalmente, por uma relativa carência de assistência técnica. Carmo (1996) chama a atenção para o fato de que em situações deste tipo a adoção do modelo convencional implicou em uma uniformização de técnicas que ignoraram as condições ecológicas de produção, causando impactos indesejáveis à natureza local, e também às condições sócio-econômicas dos produtores.

Assim sendo, é plausível o esforço das lideranças de alguns assentamentos em buscar um modelo produtivo alternativo, mais adequado às suas características sócio-ambientais e que traga os retornos econômicos necessários.

Diversos têm sido os nomes dados a este modelo de produção não-convencional. Altieri (1989) propõe que as agriculturas Orgânica, Natural, Biológica, Biodinâmica, entre outras, podem ser consideradas alternativas ao modelo hegemônico de produção, denominado de convencional.

A Agricultura Orgânica pressupõe que a fertilidade dos solos seja obtida e mantida através de um amplo suprimento de matéria orgânica, bem como dos elevados níveis de húmus no solo. Este modelo produtivo procura evitar ou excluir o uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, substituindo-os por rotações de culturas, esterco animal e adubação verde, entre outros, para manter a produtividade e a estrutura do solo que resultam em melhor nutrição das plantas e no controle de pragas e doenças (CARMO; SALLES e COMITRE, 1995 e ESTADOS UNIDOS, 1984).

No âmbito da comunidade científica internacional, uma nova corrente de pesquisas desenvolvidas por agroecologistas tem mostrado que os sistemas agrícolas tradicionais estão baseados, freqüentemente em fundamentos e princípios ecológicos. E, em muitos casos, com um certo número de características desejáveis como estabilidade sócio-econômica, elasticidade biológica e produtividade (EGGER, 1981 e GLIESSMAN et al., 1981).

Segundo ALTIERI (1989), produção por unidade de área pode ser um indicador da taxa e da constância de produção, mas esta pode ser expressa de outra maneira, como por unidade de trabalho realizado, por unidade de investimento financeiro, ou ainda, como a razão da eficiência energética.

Já na década de oitenta, autores norte-americanos atentavam para a idéia de que os sistemas agroecológicos, em especial os orgânicos, além de se apresentarem eficientes tecnicamente, se revelavam tão rentáveis quanto os convencionais. LOCKRETZ (1981) e HARWOOD (1983), ao realizarem estudos sobre a produtividade comparativa da produção de cereais entre fazendas orgânicas e convencionais no *corn belt*, constataram que a produtividade das principais culturas (milho e soja) foi equivalente, entre os sistemas, porém os custos operacionais foram maiores no sistema convencional em virtude de despesas com agroquímicos.

Mais recentemente, em estudo realizado por CARMO et al.(1995), com o objetivo de analisar e comparar o desempenho econômico de diversos sistemas não-convencionais, com médias regionais, em três estados brasileiros, demonstrou-se que os cálculos econômicos da agricultura alternativa não deixam dúvida quanto a sua viabilidade. Do ponto de vista técnico, também ficou inquestionável a viabilidade da produção alternativa, embora ainda esteja dentro de um quadro *a priori* desfavorável, uma vez que quase todo *establishment* técnico-científico está voltado para a produção nos moldes convencionais químico-mecânicos.

Outro fator considerado de muita relevância no processo de constituição de sistemas de produção agroecológicos em assentamentos de Reforma Agrária é a educação do público envolvido. Sendo assim, torna-se cada vez mais estratégico compreendermos como tem se dado o processo educacional dos assentados rurais, seja em seu espaço de educação formal, seja em seu espaço de educação não formal.

Vários autores, há décadas, preocupados com a realidade social, têm formulado idéias educacionais com o propósito de incitar uma formação acadêmica que habilite a população para efetuar uma ação transformadora na sociedade, tendo como perspectiva o fortalecimento da democracia, a cidadania, a igualdade social e até mesmo o socialismo. Nesse contexto

surtem formulações tais como a educação para a cidadania, a formação de consciência crítica, o cultivo dos valores humanistas e várias outras.

Nesse campo de preocupações, segundo Dal Ri e Vieitez (2004), se inserem os esforços pedagógicos do Movimento dos Sem-Terra (MST). Com a ressalva de que se trata de uma práxis pedagógica que está em consonância com a experiência político-social e organizativa mais ampla do próprio Movimento. Assim, cabe ressaltar que a práxis educacional do MST é diferente das outras proposições críticas existentes.

O MST, além de buscar um espaço de sobrevivência, objetiva construir uma educação voltada para os interesses do homem do campo, considerando importante desvendar elementos de construção da prática educativa no campo a fim de contribuir para a construção do conhecimento, reafirmando, deste modo, o compromisso com uma nova educação e a construção da cidadania.

Em seu estudo sobre esta prática educativa, Fonseca e Lima (2001) assinalam que o MST tem constituído uma educação literária baseado nos valores do homem do campo, que redimensiona a educação regular. A proposta apresentada por este Movimento Social compartilha a idéia de que os conhecimentos externos à escola, principalmente os saberes populares, servem de material intelectual e como ponto de partida para o ensino formal. O que se constrói nas escolas do Movimento é um trabalho pedagógico, no qual o conhecimento escolar constitui um exame à problematização da atividade produtiva da comunidade, tornando como objeto central de estudo.

Como ocorre com outras organizações que divergem da ordem social capitalista, o MST percebe que o ensino oficial não atende as necessidades de formação dos seus membros. Na sociedade de classes, a educação dominante é a educação das classes dominantes, ainda que a ideologia pedagógica oficial se apresente travestida na forma de conhecimentos, valores e habilidades universais.

Segundo Dal Ri e Vieitez (2004), para o Movimento não basta que o militante tenha formação política, ainda que esta seja essencial. Paralelamente a essa qualidade, o Movimento precisa de que o seu membro tenha também capacitação técnica, bem como desenvolva as aptidões necessárias à organização coletiva da vida social, à organização coletiva da produção e de outras atividades econômicas.

Como explicam estas autoras, o militante do partido não vive no partido, o associado ao sindicato não vive no sindicato, embora ambos possam vivenciar com maior ou menor intensidade suas entidades. O membro do MST, diversamente, encontra-se articulado ao Movimento não apenas por ideologia e funções políticas, mas também pelo fato de encontrar-se inserido em alguma das suas estruturas organizacionais de base, que são o acampamento e o assentamento.

Do ponto de vista das ações em educação dentro dos acampamentos e assentamentos, vale ressaltar pelo menos dois aspectos: a valorização da mística do Movimento, como espaço de educação não formal e a adoção da “Pedagogia da Alternância” enquanto organização curricular presente no espaço da educação formal.

No espaço da educação não formal dentro dos acampamentos e assentamentos, uma característica que ajuda a diferenciar o MST dos demais movimentos sociais é o culto à Mística do Movimento.

A realização da mística é de responsabilidade dos núcleos de base formados pelos alunos. Ela é realizada formalmente todos os dias, pela manhã, mas pode ocorrer também em várias outras situações. A mística é expressa por meio de poesias, performances, músicas, expressões corporais, palavras de ordem, símbolos do MST, entre outras manifestações.

A mística tem a finalidade, segundo Dal Ri e Vieitez (2004), de manter a identidade dos sem terra, reviver os sentimentos das pessoas pelo Movimento e desencadear o respeito

aos seus símbolos. Por meio da mística, resgata-se a memória de eventos importantes para o MST e para a classe trabalhadora, lembram-se episódios de lutas e a atuação de figuras destacadas na história. É também uma forma de ensinar às gerações mais jovens a história de lutas do Movimento, bem como afirmar os seus princípios, objetivos e ideologia.

No espaço da educação formal, também podemos encontrar iniciativas de diferenciação em relação à escola da sociedade capitalista. Nesse sentido, insere-se o debate a respeito da educação para o mundo do trabalho, cujo contraponto feito pelo Movimento vai se caracterizar pelo apoio à proposta pedagógica formulada por Pistrak (2002):

[...] O trabalho na escola, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se, de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas e, de outro, a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático (Pistrak, 2002, p. 38).

De maneira concreta, isso tem se dado pela adoção de um modelo pedagógico denominado “Pedagogia da alternância”. Os cursos no Movimento estão organizados em etapas, cada uma constituída de dois tempos, o tempo escola e o tempo comunidade.

O tempo escola é o tempo no qual os alunos ficam no Instituto e desenvolvem um conjunto de atividades do curso e a participação na gestão da escola. O tempo comunidade é o tempo em que os alunos retornam aos acampamentos ou assentamentos realizando tarefas que foram delegadas pelo curso ou pelas instâncias do MST. Nesse tempo, os alunos combinam atividades de estudo com a participação direta nas ações do Movimento, continuam ou iniciam tarefas que os levaram a fazer um curso específico e atendem às demandas de trabalho de cada local.

Sendo assim, concluem, Dal Ri e Vieitez (2004), que as comunidades do MST, onde se realiza o trabalho produtivo, não têm mais como objetivo absoluto a extração do excedente econômico da força de trabalho. Em decorrência, essas organizações podem substituir

competição por ações solidárias e de cooperação, o que lhes permite adaptar às suas condições o estudante-trabalhador.

Nesta investigação, porém, estaremos nos focando nos espaços de educação não formal e suas relações com a constituição de modelos de produção ecológica em assentamentos de Reforma Agrária. No entanto, para isso, será importante que conheçamos todas as dimensões do processo educacional em curso pelo MST, pois somente assim, poderemos compreender os desafios presentes na relação educação e movimentos sociais.

### **1.1 OBJETIVO GERAL**

Verificar de que maneira que os espaços de educação não formal, criados pelo MST em seus acampamentos, podem assumir um caráter educativo mediante a intencionalidade de se implantar um modelo agroecológico?

### **1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Esperamos como objetivos e impactos da realização desta investigação:

- Entender quais são as estratégias de educação não formal no MST com vistas a consolidação do modelo agroecológico.
- Compreender o papel que os espaços de educação não formal têm tido na adoção de modelos de produção agroecológicos no MST –PR.
- Elaborar subsídios que possam orientar novas ações de educação não formal no acampamento Emiliano Zapata.

### 1.3 METODOLOGIA

Os resultados buscados por esta pesquisa, exigem a adoção de uma metodologia que se caracterize por possibilitar uma abordagem qualitativa sobre a compreensão a respeito dos desafios da educação não formal nos acampamentos e assentamentos da reforma agrária do MST –PR.

Para atender a isso, a opção metodológica considerada mais adequada é a Metodologia da Problematização, pois, como caminho de pesquisa, traz consigo um potencial de reflexão e de intencionalidade transformadora, desejados nesta investigação.

A esse respeito, vemos no texto de Berbel (2001, p. 1) que:

[...] a Metodologia da Problematização por si só já inclui em suas características o desenvolvimento do compromisso de quem a vivência com o meio que focaliza, através do problema que elege para estudar. Trata-se de um compromisso com a sua transformação, em algum grau, aquele possível dentro de cada situação e condição, mas que, experimentado, estimula o participante a envolver-se de modo mais intenso com a realidade e a percebê-la como sendo também de sua responsabilidade.

Convém ressaltar ainda, que a operacionalização desta metodologia está baseada no *Esquema do Arco*, desenvolvido por *Charles Maguerez*, conforme Bordenave e Pereira (1982), cujo desenvolvimento ocorre através de cinco etapas: a Observação de Realidade, com a definição do Problema; a elaboração dos Pontos-Chave, associados ao problema em estudo; a Teorização, em relação aos Pontos-Chave; a elaboração das Hipóteses de Solução; e a Aplicação à Realidade.



**Figura 1- Arco de Maguerez.**

Fonte: Bordenave e Pereira (1986).

Descrevemos estas etapas, a seguir, quanto a suas características e como pretendemos utilizá-las ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Etapa 1. Observação da Realidade e Definição do Problema:

A realidade a ser observada nesta investigação será a dos atores sociais presentes no assentamento Emiliano Zapata, em Ponta Grossa - PR.

A estratégia de observação adotada será a realização de uma análise de conteúdo de documentos que trazem informações sobre como tem sido caracterizada a questão educacional no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e, especificamente, quais são as estratégias que podem ser percebidas de imediato no referido acampamento. Este tipo de análise tem sido considerado, pela literatura sobre metodologia de pesquisa qualitativa, um método de tratamento de informações, colhidas em documentos, que possibilita a compreensão crítica de seu sentido e de suas significações explícitas ou ocultas.

Segundo Lüdke & André (1986, p. 54) “a análise de conteúdo constitui-se numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, ao identificar informações factuais em documentos, a partir de hipóteses de interesse”.

Ao final desta etapa, o conjunto de dados e as discussões em torno destes, serão utilizados como subsídios para a definição do problema da pesquisa, sobre o qual, dar-se-á início a reflexão que caracteriza a etapa posterior, de definição dos Pontos-Chave.

#### Etapa 2. Pontos-Chave a Estudar:

Esta etapa é caracterizada como um momento de reflexão sobre o problema.

Nesse sentido, buscar-se-á identificar e analisar os fatores relacionados ao problema, ou seja, aqueles aspectos que possuem maior proximidade com o problema e que, por isso, podem influenciá-lo diretamente.

Também faz parte desta reflexão uma análise acerca dos determinantes contextuais relacionados ao problema, ou seja, aqueles aspectos associados ao entorno pedagógico, político, social, econômico, entre outros que podem estar influenciando sua existência.

Como resultado, poderemos identificar o que deverá ser estudado para que possamos compreender melhor o problema referente à pesquisa, em busca de sua solução.

#### Etapa 3. Teorização:

Este momento é reservado às investigações e análises teóricas e empíricas, que darão suporte às etapas posteriores da pesquisa.

Para a realização da teorização, lançaremos mão de diferentes fontes de informação, que combinem com as características do conteúdo definido nos Pontos-Chave.

Estratégia imprescindível será a realização de pesquisa bibliográfica sobre os temas definidos como pontos-chave, o que possibilitará uma discussão entre os dados empíricos levantados e os resultados de investigações, presentes na literatura especializada, na área de ciências agrárias, ciências sociais, educação e meio ambiente.

#### Etapa 4. Hipóteses de Solução:

Para a realização desta etapa, além de uma teorização bem fundamentada é imprescindível o uso da criatividade, pois, estaremos no momento de elaborar as alternativas para as ações de transformação da realidade estudada.

Para isso, deverão ser aproveitados, além dos resultados de todo o estudo feito na teorização, os dados relativos às informações coletadas para a etapa da Observação de Realidade e a própria reflexão sobre o problema, registrada na etapa dos Pontos-Chave.

Com base nisso, serão desenvolvidas algumas hipóteses propositivas, as quais passarão ainda por uma triagem, cujos critérios serão sua exeqüibilidade e se possuem potencial de transformação da realidade observada.

#### Etapa 5. Aplicação à Realidade:

Esta é a etapa final da Metodologia da Problematização. Porém, é a etapa que torna possível uma das principais características do Esquema do *Arco de Magueres*, ou seja, a de praticar, em algum grau, a intencionalidade transformadora da realidade.

Isto é possível porque partimos da realidade e nesta etapa é o momento de retornarmos à ela com conhecimentos construídos sobre um problema, dali extraído.

A realização desta etapa se dará pela elaboração de um elenco de ações planejadas para que possamos promover um retorno ao ambiente onde encontramos o público investigado. Este elenco de ações será organizado, prevendo-se transformações nas diferentes dimensões do processo educacional em curso no acampamento Emiliano Zapata.

## **2. A PROBLEMATIZAÇÃO DA REALIDADE**

### **2.1 OBSERVAÇÃO DA REALIDADE E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA**

A observação de realidade, a partir da qual definimos o problema desta pesquisa, tem início com a apresentação de minha trajetória pessoal e profissional, pois a escolha do tema e do público alvo estão relacionados aos meus anseios, desejos e maneira de ver o mundo.

Iniciei o curso de agronomia na Universidade Federal do Paraná no ano de 1998. Nesse ano, por meio de alguns colegas conheci pessoas de outros períodos do curso que já estavam engajadas com o movimento estudantil, com as quais comecei a participar de algumas discussões relativas a este tema. Embora sem muito embasamento político, começamos participando como ouvinte, mas com o passar do tempo participamos também da elaboração de eventos para estudantes de agronomia.

Paralelo a esses eventos tínhamos um grupo de discussão sobre temas atuais que envolvessem questões polêmicas do meio agrícola e agrário. Dentro desse grupo existiam pessoas ligadas a partidos políticos, FEAB (Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil), movimentos sociais e outras entidades. Algumas dessas pessoas que tinham ligações com movimentos sociais viram ali uma possibilidade de realizar um estágio de vivência com o nosso grupo e depois expandir isso convidando pessoas de outros cursos para que todos pudessem conhecer a realidade do campo através de um movimento social que até então para mim e para muitas pessoas do grupo era desconhecido, pois a maioria dos alunos do nosso curso de agronomia vem de uma realidade das grandes propriedades e de alta tecnologia.

Passamos, aproximadamente, dez dias no assentamento IRENO ALVES na cidade de Cantagalo - PR. Lá tive uma impressão diferente e reveladora das desigualdades sociais do campo e o quanto essas questões são complexas e interligadas com as questões do meio urbano. Voltando do estágio segui com a minha vida acadêmica sempre "encarando" as

disciplinas e as discussões de um outro prisma. Percebi o quanto aquela experiência e o nosso grupo de discussão era importante para a minha formação. Aquele espaço que freqüentávamos juntos foi nos educando mesmo que de maneira precária às vezes, mas era um conhecimento construído com a visão de cada um.

Com essa minha experiência acadêmica comecei a ver a importância da educação na construção da realidade que queremos para a vida e para o desenvolvimento das pessoas. Nesse contexto, após terminar o meu curso de agronomia tomei conhecimento de uma discussão já de muito tempo sobre a construção de um novo paradigma de Educação do Campo desenvolvido principalmente junto aos movimentos sociais do campo, universidades, e outras instituições.

Procurei a Universidade Federal do Paraná que iniciava junto a outras universidades e movimentos sociais um curso de especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar e Camponesa, cujo objetivo era formar profissionais com uma nova visão do campo, de modo a romper com a visão arcaica, excludente e preconceituosa com que são vistas as pessoas que lá vivem e constróem suas vidas.

Enxerguei nesse curso a oportunidade de realizar um trabalho que pudesse aliar uma característica minha que é a de acreditar que a Educação é a grande alavanca que move a transformação da realidade, seja ela nas relações de trabalho, na política, na família, enfim, em todas as esferas humanas num contexto de realidade diferente do que percebíamos nas disciplinas cursadas na Agronomia. Por isso a nossa escolha pela realidade do movimento social.

Pude observar durante o período de vivência no acampamento que muitos aspectos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST - chamaram minha atenção. A sua forma de organização, a sua mística (que é uma das formas de Educação que mais me surpreendeu) e a forma como as pessoas lá dentro vão adquirindo noção de sua cidadania, de

como elas acreditam e vão em busca de modificar a sua situação, sendo assim, construtoras da sua própria realidade.

Depois de alguns meses indo para o acampamento durante dois ou três dias na semana percebi que lá era um bom lugar para desenvolver um trabalho como o meu, na área de Educação, pois me pareceu ser uma demanda do lugar e também do próprio movimento. Aliás uma das contribuições que espero atingir com o meu trabalho é essa, que ele possa resultar em um encaminhamento capaz de levar adiante os anseios daquela comunidade por uma melhor compreensão da realidade dentro do processo pelo qual passa o acampamento.

Tendo por base esta minha trajetória pessoal e profissional, a investigação a que nos propomos participar diz respeito ao papel da Educação dentro da sociedade, do movimento social, das relações de trabalho e da relação com a terra. No entanto, o recorte contextual será um acampamento do MST, denominado EMILIANO ZAPATA, localizado no município de Ponta Grossa - PR, onde tentaremos verificar e analisar as diferentes manifestações que a educação possui nesta realidade, podendo esta ser considerada formal, informal ou não formal.

Acredita-se que não é só a escola que forma as pessoas e que a todo tempo e em todos os espaços as pessoas possam estar se educando através de suas ações. Um dos espaços de educação informal são as conversas que acontecem por meio de situações do cotidiano onde compartilham-se experiências de vivências. A riqueza dessas situações se mostra quando estas são sistematizadas de alguma maneira, para que isso possa servir de subsídio na resolução de problemas semelhantes e, entendida assim, percebemos que no acampamento essa seria uma das formas de educação que de alguma maneira serviria de base para se desenvolver a agroecologia.

Essas situações do dia-a-dia poderiam ser trazidas para outros setores do referido acampamento, sobretudo o de educação, pois, segundo o seu dirigente este setor possui como

alguns de seus principais desafios: como melhorar o nível de conhecimento das famílias; como fortalecer o envolvimento das mulheres dentro de todas as ações do acampamento; como trazer a juventude para participar das atividades do acampamento e motivá-la para permanecer na terra e como se aproximar do mercado consumidor.

Em relação ao primeiro desafio, ou seja, o nível de conhecimento das famílias, em termos de educação formal tem-se dentro do acampamento turmas de ensino fundamental e de quinta à oitava série para adultos que têm aulas com professores da rede municipal da cidade de Ponta Grossa (as crianças estudam em Ponta Grossa ou nos entornos do acampamento). Os líderes do acampamento acreditam que a escola deveria estar inserida nos desafios que aquelas pessoas enfrentam na sua realidade, como podemos verificar na afirmação de um dos dirigentes do acampamento:

“Temos que utilizar a pedagogia do exemplo, pensar a educação através de fatos da nossa luta diária”.

O segundo desafio destacado diz respeito ao papel da mulher no acampamento. As mulheres, em sua maioria, não se posicionam como produtoras. Com efeito, abdicam de serem agentes de seu próprio desenvolvimento e de suas famílias, permanecendo passivas diante das decisões e deixando de contribuir para um maior avanço das relações de produção e dos outros setores.

Como exemplo de tentativa de promover uma maior e melhor participação das mulheres na realidade do acampamento, observamos que as lideranças procuravam eleger em cada núcleo de família um coordenador e uma coordenadora para estimular as mulheres a participarem. Apesar dessa iniciativa, as lideranças reconhecem que são necessárias outras ações mais eficazes em que elas possam aumentar sua auto-estima e passem a sugerir eventos e propostas não só relacionadas a sua formação mas também que colaborem com os demais setores do acampamento .

Uma das propostas que surgiram durante a conversa com esse dirigente seria um trabalho de base com as jovens e as crianças do acampamento para que desde cedo essa questão cultural da mulher fosse tratada. Ou seja, promover ações mais próximas do universo feminino para elas sentirem o quanto são capazes e que devem ter voz ativa dentro da comunidade em que vivem. Aliás, se formar para buscar a transformação do lugar onde vivem e não pensar o caminho inverso, se formar para ir para a cidade, é outro desafio que a direção tenta pensar para o futuro.

Outra questão que preocupa o setor de educação do acampamento é como trabalhar a relação que o produtor tem com o que produz, sendo que essa relação é um importante indicativo de como está a discussão agroecológica no acampamento. Produto ou mercadoria? Será que eles pensam no que produzem como algo para melhorar a sua saúde, que o que produzem não está piorando a situação do solo, das nascentes e o quanto isso é importante? Ou ainda, há muito o que fazer para melhorar essa compreensão?

Pensamos que, diante de todos esses desafios, podemos destacar um que engloba todos os demais, a discussão de como formar as pessoas de modo que estas possam se inserir nesse novo paradigma de produção e de estilo de vida no meio agrário, ou seja, a agroecologia.

Como educar as pessoas dentro dos espaços em que se reúnem? Quais os limites desse tipo de educação? Quais são os elementos possibilitadores dessa educação não formal nesses espaços? O movimento tem uma intencionalidade nesses espaços? Por quê o movimento está optando pela agroecologia? De que forma o movimento pensa fazer isso? Em que medida esse processo de formação dos acampados poderia possibilitar a adoção desse novo paradigma da agroecologia para pessoas que estavam acostumadas a outros modelos de produção? Quais os limites que o movimento encontra para trabalhar essa proposta nesses espaços de educação não formal?

Vemos, portanto, que são diversos os desafios e as questões colocadas pela relação entre a educação e a agroecologia, sobretudo em uma realidade complexa como a de um acampamento de Reforma Agrária. No entanto, para podermos ter um foco bem definido nesta pesquisa, optaremos por um questionamento que ao mesmo tempo em que delimita nosso olhar em torno da esfera não formal de educação, nos possibilita também compreender a sua importância atual e futura para a adoção da agroecologia por estes produtores e suas famílias.

### **2.1.1 PROBLEMA DA PESQUISA**

*De que maneira os espaços de educação não formal, criados pelo MST em seus acampamentos, podem assumir um caráter educativo mediante a intencionalidade de se implantar um modelo agroecológico?*

### **2.2 DEFINIÇÃO DOS PONTOS-CHAVE DO PROBLEMA**

Com o objetivo de chegarmos aos temas que servirão de base para a teorização, esta segunda etapa da Metodologia da Problematização, com o *Arco de Maguerez*, inicia-se pela discussão de alguns elementos da realidade observada. Para isso, nos orientamos por dois questionamentos sobre o problema de pesquisa: quais os possíveis fatores a ele associados? e quais são os seus possíveis elementos determinantes? Segundo Berbel (1998, p. 17), as respostas a essas questões:

[...] darão origem à construção de uma lista de preocupações que merecem respostas, uma lista de novas perguntas a serem respondidas, um conjunto de tópicos a serem investigados ou ainda outras formas de elaboração. O que importa é que esses pontos-chave constituirão a orientação para a continuidade do estudo, que acontece com a Teorização.

Com relação aos fatores associados ao problema, ou seja, aqueles elementos que estejam interferindo diretamente para que este ocorra, a Observação da Realidade nos mostrou que trata-se de um aglomerado de pessoas em dramática situação socioeconômica, porém,

ávidas pela melhoria de sua qualidade de vida e que enxergam na educação um caminho adequado para que isso ocorra. Além disso, pudemos observar que houve o despertar para a necessidade de uma aprendizagem relacionada a modelos de produção agropecuária baseados na agroecologia, o que de certa forma vem ocorrendo nos espaços não-formais de educação no interior do referido acampamento.

Para chegarmos à definição dos pontos-chave a serem teorizados, cabe ainda uma reflexão sobre as determinantes contextuais relacionadas ao problema, ou seja, aqueles elementos da realidade que estão mais distantes do problema, mas que também interferem nele.

Em primeiro lugar devemos colocar que estamos tratando da educação dentro de um movimento social do campo, com uma forma própria de ver o campo e as pessoas e que tem uma pedagogia própria, a pedagogia do MST, que é a forma com que o movimento vem historicamente construindo o sujeito social denominado “Sem Terra”.

Outro aspecto a se destacar é como esse movimento social vem ajudando a construir uma nova concepção de campo no país. Nesse caso, podemos destacar alguns exemplos como sua luta constante pela reforma agrária, as suas ações de protestos diante das instituições que “controlam” o agronegócio, as suas escolas com suas propostas de desenvolvimento do local em que vivem seus educandos e a valorização do saber dos seus acampados e assentados como proposta de desenvolvimento. Sendo assim, tudo isso nos leva a refletir sobre que concepção de educação permeia os espaços não formais organizados por esse movimento social.

Semelhante ao que acontece no caso da educação, ou seja, a consciência do movimento social pelo rompimento com os modelos conservadores de educação e a construção de uma nova referência de educação para os camponeses, tem ocorrido também no

caso do questionamento ao modelo de produção agropecuária nos acampamentos e assentamentos do MST.

O Movimento tem entre seus integrantes e com a sociedade a respeito de um novo paradigma de produção e de vida no campo, a agroecologia. No entanto, por tal iniciativa ser relativamente recente na pauta de um movimento social, historicamente dedicado às questões fundiárias apenas, é que cabem alguns questionamentos como: de que maneira tem se dado esse aprendizado sobre a agroecologia? qual a visão dos dirigentes do movimento a respeito disso? que representação os acampados e assentados fazem do conceito de agroecologia? de que maneira chega até eles as proposições do movimento a respeito do assunto?

Diante de tais reflexões, consideramos que os pontos-chave inerentes ao problema desta pesquisa podem ser divididos em dois grupos. O primeiro grupo de pontos-chave tem por característica a necessidade de uma exploração científica mais teórica, pois, referem-se ao entendimento conceitual dos temas Educação do Campo e Agroecologia. O segundo grupo, por sua vez, é representado pelo ponto-chave que está associado à exploração empírica das representações mentais que os acampados e as lideranças do movimento fazem do problema em discussão.

Sendo assim, a etapa a seguir trará o resultado das pesquisas bibliográficas e a reflexão realizada sobre as respostas dadas pelos acampados, por meio dos quais fundamentaremos a nossa discussão na busca de possíveis hipóteses de solução do problema.

### **3. TEORIZAÇÃO**

Nesta etapa da pesquisa, a Metodologia da Problematização nos orienta a buscar o máximo de informações possíveis a respeito do problema em estudo, tendo por base os pontos-chave definidos na etapa anterior.

Para isso, realizamos um processo investigativo, com procedimentos apropriados para cada um dos pontos-chave, devendo o resultado final ser o entendimento das várias dimensões que marcam o problema, como explicado por Berbel (1998, p. 18) ao afirmar:

[...] Diferentes ângulos do problema são analisados a partir de informações colhidas em diferentes fontes, compondo assim a melhor forma possível de explicá-lo e ao mesmo tempo justificar as definições que se seguirão na próxima etapa, quando serão elaboradas as hipóteses de solução para o problema.

Como definido na etapa anterior da metodologia, relataremos agora os resultados da pesquisa bibliográfica sobre os temas Educação do Campo e a Agroecologia, e a discussão sobre as entrevistas feitas com os acampados e as lideranças do movimento, eleitos como pontos-chave do problema em questão.

#### **3.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO**

A educação do campo nasce para fazer frente à educação rural que trazia a visão reprodutivista como espaço de produção econômica a partir dos interesses do capital, que exclui os que não se incluem na lógica da produtividade.

Esta concepção é construída a partir de um processo de luta social, de reflexão coletiva e de práticas educativas coladas às lutas dos movimentos sociais do campo.

Articulada a luta pela terra, constrói-se no campo a luta pelo direito a uma Educação assumida como direito dos trabalhadores do campo, construída com e não para os sujeitos do campo.

O campo desse novo paradigma de educação do campo é o espaço de vida e resistência dos camponeses que lutam para terem acesso e permanecerem na terra. É um campo construído como espaço de produção material e simbólica das condições de existência, de construção de identidades, é um campo de múltiplos sujeitos: assentados, acampados, arrendatários, indígenas, posseiros, meeiros, assalariados, agricultores familiares, e tantos outros que poderia citar.

O contexto de origem da Educação do Campo se dá num primeiro momento na luta pela conquista da terra, pela reforma agrária, construída pelos trabalhadores do campo . Depois em uma articulação política para denúncia e luta por políticas públicas para o povo do campo .

A construção desse novo campo, desse novo paradigma de Educação teve início pelo menos cronologicamente em julho de 1997 , quando da realização do Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), no campus da Universidade de Brasília, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em parceria com a UnB, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a Organização das Nações Unidas para Educação e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (FERNANDES e MOLINA ,2004).

Como se vê no citado acima a luta através da organização de entidades em prol de um novo campo é uma conquista muito recente, assim como o surgimento dos Movimento Sem Terra .

Na verdade segundo MST(2004) a Educação do Campo é filha da luta pela terra. Nasce da construção de um projeto de vida no campo.

Dentro do Movimento (MST) essa necessidade de mudança e de projeto de vida já começa a se desenvolver. Esse desenvolvimento passou pela construção de um Setor de

Educação frente a necessidade das famílias Sem Terra que depois das ocupações não queriam que as crianças ficassem paradas e perdessem o conhecimento que já tinham adquirido nas escolas antes de irem para os acampamentos.

Desse modo organizavam aulas que eram dadas muitas vezes pelas próprias esposas dos acampados. Não valiam como ano letivo, pois não eram reconhecidas pela Secretaria de Educação (MST, 2004).

Muitas vezes as famílias que estão nos acampamentos migram de um lugar a outro em questão de horas, por conta das ações que o movimento promove, ou por causa dos proprietários das terras que pedem a reintegração de posse e depois a família leva um tempo para se organizar e retomar a vida e os estudos por isso a questão da esposas darem as aulas.

Hoje segundo MST(2004) as escolas itinerantes (itinerante por que acompanha o itinerário do acampamento até o momento em que as famílias acampadas chegam á conquista da terra, ao assentamento) já são reconhecidas pelo menos nos estados do sul .

Esse reconhecimento vem de encontro aos moradores dos acampamentos que necessitam também do conhecimento que a escola formal trás.

Foi através dessas pequenas conquistas que o Setor de Educação começou a se formar. Passou a lutar de maneira mais efetiva por escolas, pela formação de professores, alfabetização de adultos e a própria elaboração de métodos de ensino (MST,2004) .

Nesse ano de 2006, a principal estratégia do Setor de Educação do Movimento segundo militantes é: Todas e todos os Sem Terra estudando ou participando de um processo de formação.

Contudo esse processo de formação deve acontecer onde essas pessoas moram para que o convívio com a sua realidade não se distancie do que ela esta aprendendo.

No Movimento isso já é uma realidade. Através dos cursos do próprio Movimento em que seus educandos além de levarem até a escola demandas de suas comunidades (assentamentos, acampamentos) passam um período na escola e outro aplicando as soluções construídas na escola na sua comunidade. A chamada pedagogia da alternância, que é um dos diferenciais mais importantes da educação dentro do MST.

A diferença de formação dos educandos de algumas escolas do Movimento para as escolas do governo e das privadas, é que geralmente estas “preparam” para o mercado de trabalho e as do Movimento buscam a formação já com uma intencionalidade de que os educandos voltem para suas comunidades com uma tarefa maior do que simplesmente resolver problemas, mas sim construir processos que emancipem esses lugares e essas pessoas.

Um dos primeiros passos para essa emancipação é acabar com o preconceito de que a escola urbana, é melhor do que a rural, a escola rural apenas deve ter especificidades diferentes como diz ARROYO, et al (2004) uma escola do campo precisa de um currículo que contemple necessariamente a relação com o trabalho na terra. Independente das opções de formação profissional que podem ter ou não como ênfase o trabalho agrícola.

A escola do campo pode e deve formar profissionais de todas as áreas não só para o trabalho relacionado com a terra.

Aliás, a educação do campo não deve fazer distinção entre o espaço urbano e o rural, as pessoas devem ser e ter direito a serem agentes de seu próprio desenvolvimento a partir do que enfrentam no seu dia a dia na sua realidade e como diz MST(2003), é respeitando as especificidades de quem vive na terra que surge essa forma de pensar a Educação.

Segundo Fernandes(1999, p. 141).

[...] A Educação do campo é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico , de defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja ,da terra em que pisa, melhor ainda a partir de sua realidade.

Pensar a realidade a partir do lugar onde se vive também é pensar em políticas públicas que apoiem as iniciativas das pessoas do lugar e isso o campo ainda esta muito carente como diz FERNANDES et al ,(2004)um dos problemas do campo no Brasil é hoje a ausência de políticas públicas que garantam o seu desenvolvimento em formatos adequados á melhoria da qualidade de vida das pessoas que ali vivem e trabalham .

Melhorar a qualidade de vida das pessoas é uma questão primordial mas não adianta querer desenvolver o campo sem pensar no que fica na cidade. O campo deve estar dentro de um projeto maior, dentro de um projeto de desenvolvimento de país conforme diz FERNANDES et al (2004)a discussão de uma opção brasileira parte da convicção de que é possível construir um novo caminho de desenvolvimento para o nosso país .

A respeito do assunto também opinam ARROYO, et al (2004)só há sentido em discutir uma proposta educacional específica para as necessidades dos trabalhadores do campo se houver um projeto novo de desenvolvimento para o campo, que seja parte de um projeto nacional.

Mas quais serão as dimensões de formação humana que a educação do campo pretende atingir ?

Dentro do Movimento segundo MST(2001) pretende-se :a formação de valores e Educação da sensibilidade, cultivo da memória; produção de conhecimentos humanamente significativos; formação para o trabalho; formação organizativa; formação econômica; formação política e ideológica; formação para o lúdico; cuidado com a terra e com a vida.

Todos esses itens fazem parte dos elementos de construção do projeto político pedagógico das escolas dos assentamentos e acampamentos do Movimento.

Uma outra questão muito importante é de como será o processo de gestão da escola do campo desse plano de desenvolvimento de país?

Para que as ações dessa nova escola do campo sejam legítimas elas devem ser geridas pela comunidade através de conselhos mistos que envolvam a comunidade, os educandos e também suas famílias, enfim gestão participativa e democrática.

Dentro dessa linha de pensamento é que funcionam as escolas do Movimento como diz MST(2001) as instancias da escola (assembléias, conselho escolar, plenárias, coordenação) são espaços onde acontece a inter – relação entre os sujeitos da comunidade escolar.

Uma questão importante dentro de uma nova concepção de escola do campo é a formação dos educadores. Qual deve ser o seu perfil? Que tipo de conhecimento deve ter? A que valores deve estar ligado?

A respeito disso afirmam Arroyo(2001) e Caldart(1997) que os educadores e educadoras do campo estão em constante movimento buscando fazer acontecer uma educação específica do campo. Por isso os educadores ligados a partir das relações existentes com os movimentos sociais do campo, buscam incentivar a recriação de um movimento social e cultural que valoriza a identidade da comunidade.

No Movimento ser educador segundo MST(2001)é ser antes e sempre um educando. Educando dos seus educandos; educando do movimento. Educando que é um eterno aprendiz; aprendiz das lições da vida, da terra e do movimento da história.

Dentro dessa perspectiva uma das alternativas seria a escolha de pessoas da própria comunidade para assumir o papel de educador. Pessoas que estejam dispostas a assumir esse

papel em benefício da comunidade. Que conheçam todo o processo de formação daquela comunidade.

Na verdade o campo é mais que um perímetro não urbano como diz Resolução Cne/Ceb1(2002) é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres com a própria produção das condições de existência social e com as realizações da sociedade humana.

Após essa nossa reflexão sobre como vem sendo construído o caminho da Educação do Campo no nosso país chegamos a conclusão de que há muito o que se fazer na construção desse novo campo tanto na esfera política quanto na humana .

### **3.2 AGROECOLOGIA**

Tendo como objetivo a fundamentação da nossa discussão aqui em torno da agroecologia. Iniciamos a nossa revisão de literatura com alguns conceitos e princípios alertando que não pretende-se com isso um debate a exaustão do assunto

De algum tempo para cá todos nós temos ouvido, falado e opinado sobre agroecologia. Ela esteve associada a um tipo de agricultura que agride menos o meio ambiente, que é socialmente mais justa e que oferece “produtos limpos“, entre outras denominações.

Segundo Caporal e Costabeber(2002), a Agroecologia tem sido associada com um modelo de agricultura, com um produto ecológico, com uma prática ou tecnologia agrícola e, inclusive, com uma política pública.

Isso, segundo os mesmos autores, atribui à Agroecologia definições que são imprecisas e incorretas sob o ponto de vista conceitual e estratégico, mascarando a sua real potencialidade de apoiar processos de desenvolvimento rural.

As vezes para as pessoas compreenderem uma ciência como a agroecologia elas necessitam associar seu pensamento com coisas do seu dia -a -dia , como adubação verde , sementes crioulas , produtos sem agrotóxicos entre outras praticas.

Deste modo assim como vemos em Glieman (2001), as duas ciências das quais derivam a Agroecologia são a Ecologia e a Agronomia. A ecologia segundo ele ocupou-se principalmente do estudo de sistemas naturais, enquanto a agronomia tratou de métodos de investigação científica da prática da agricultura .

Uma das primeiras ocasiões de cruzamento fértil entre a Ecologia e a Agronomia ocorreu no final dos anos 20 com o desenvolvimento da Ecologia de cultivos. Nos anos 30, na verdade estes ecologistas propuseram o termo agroecologia como a ecologia aplicada à agricultura.

Como vimos acima a própria origem do nome Agroecologia parece dar margem as considerações que levam a um enfoque não científico do seu conceito .

O uso contemporâneo do termo Agroecologia segundo Altieri (2002) data dos anos 70 mas a pratica da agroecologia têm a idade da própria agricultura.

A discussão sobre o uso considerado correto é um dos assuntos mais debatidos e disputados hoje no meio científico.

Conforme Altieri (2002), as bases da Agroecologia foram lançadas por diversos movimentos que surgiram quase que simultâneos, nas décadas de 1920 e 1930, como contraposição ao modelo químico-mecanizado.

Um ponto de partida para a agroecologia, foi a realização do primeiro congresso internacional de ecologia em 1974, quando um grupo de trabalho desenvolveu um relatório intitulado “Análise de Agroecossistemas”

Segundo Alltieri(2002, p.52)

[...] Mais recentemente , a partir do início dos anos 80 , com a identificação do estudo e da revalorização dos métodos de manejo e gestão ambiental de sistemas agrícolas tradicionais, a Agroecologia constitui-se como uma nova disciplina científica que além dos aspectos tecnológicos, passou-se a abordar com mais profundidade os componentes econômicos e sociais dos agroecossistemas .

Os aspectos sociais e econômicos da agroecologia são quase sempre os mais desenvolvidos dentro do movimento social , principalmente por causa da relação muito debatida entre a educação do campo e a agroecologia.

Conforme Caporal e Costabeber (2002,p.8)

[...] a Agroecologia tem sido reafirmada como uma ciência ou disciplina científica, ou seja, um campo de conhecimento de caráter multidisciplinar que apresenta uma série de princípios, conceitos e metodologias que nos permitem estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar Agroecossistemas.

Sendo que para Altieri (1989, p.28)

[...]agroecossistemas é a unidade fundamental de estudo , nos quais os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são vistas e analisadas em conjunto sob o ponto de vista da pesquisa agroecológica, seus objetivos não são a maximização da produção e de uma atividade particular, mas a otimização do agroecossistema como um todo, o que significa necessidade de um maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas, os cultivos, o solo, água e os animais.

Já para Gliessman (2001) a agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessários para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável.

Segundo Costa Neto (1999) partindo de uma retrospectiva da inserção do MST em questões relacionadas à sustentabilidade, pode-se verificar que desde o seu primeiro congresso nacional, em 1985, o MST tem esboçado, ainda que inicialmente de forma um tanto tímida, uma inclinação favorável aos temas de preservação ambiental.

No ano de 1985 ocorreram dois eventos nacionais coordenados pelo MST. Em janeiro daquele ano realizou-se o Primeiro Congresso Nacional do MST, onde foi deliberado, entre diversas outras resoluções, que o governo federal garantisse que a produção, a ser realizada

nos assentamentos, respeitasse a preservação do meio ambiente e que o MST acataria a indicação pelo governo federal de técnicos agrícolas para as áreas de assentamento, "desde que eles se comprometessem com uma agricultura de pequena propriedade e não com a do modelo capitalista" (Costa Neto, 1999 p.317).

No Primeiro Encontro Nacional de Agricultores Assentados, realizado em junho de 1985 e organizado pelo MST, os assentados exigiam que o governo estimulasse com recursos as comunidades dos assentamentos para que estas pudessem beneficiar seus produtos. Dentre as condições para fazer lavouras e em relação aos problemas de assistência técnica, os assentados solicitavam ao governo que fornecesse sementes para adubação verde; que os técnicos fossem escolhidos pelos reassentados e que residissem nos assentamentos; que a assistência técnica estimulasse formas alternativas de produção, menos dependentes do capital (Costa Neto, 1999 p.318).

Dez anos mais tarde, em seu terceiro Congresso Nacional, o MST divulga a "visão de um novo tipo de reforma agrária", pela qual percebe-se uma forte preocupação com as questões do desenvolvimento, mais notadamente o rural agrícola, a ser implementado de forma "auto-sustentável", levando em conta o "desenvolvimento de tecnologias adequadas à realidade brasileira, preservando e recuperando os recursos naturais", com base na produção familiar cooperativada (Costa Neto, 1999 p.308).

De 1995 em diante, o discurso político programático do MST passou a intensificar o conteúdo em favor da sustentabilidade, com a realização de encontros com representantes de organizações não governamentais (ONGs), ligadas à questão da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável. . Costa Neto(1999)

É, porém, no mais recente Congresso Nacional do MST, em 2000, que lideranças nacionais do Movimento denunciam "as linhas políticas do governo adotadas para agricultura"(Stédile,2000 p.17): estímulo à implantação de grandes fazendas de grãos,

sobretudo na região centro-oeste, destinadas à exportação; estímulo à oligopolização do controle do mercado interno agrícola, por parte de grandes empresas agro-industriais, em sua maioria multinacionais; implantação de um processo de seletividade dos pequenos agricultores integrados à agroindústria, reduzindo drasticamente seu número, aumentando a tecnologia e selecionando regiões mais propícias para cada produto; desaparecimento da agricultura de subsistência, especialmente na região norte e nordeste; desmantelamento do chamado setor público agrícola, representado pela atuação do estado, no controle dos estoques, na assistência técnica, na pesquisa agropecuária, e no destino de recursos públicos para o crédito rural; transferência do controle da biotecnologia para os grandes grupos multinacionais e sucateamento da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária); redução do emprego agrícola em aproximadamente 5% ao ano.

De fato, as características mencionadas acima não se adequam a qualquer modelo de desenvolvimento sustentável que tenha a agricultura familiar camponesa como sujeito desse processo. Por isto mesmo, a crítica do dirigente do MST à política governamental para a agricultura no Brasil, vai ao encontro de propostas direcionadas à sustentabilidade, concebida a partir de um quadro multidimensional, representando, nesse caso, sua dimensão mais estritamente econômica. Três outras dimensões são também referidas no documento que serviu de base para o IV Congresso Nacional do MST: a ambiental e a cultural e a política. A preocupação ambiental vem expressa na questão dos "valores" Costa Neto(1999).

"Precisamos buscar na própria realidade em que vivemos quais os valores mais urgentes a serem desenvolvidos e iniciar as mudanças a partir do meio onde vivemos. Se há muita devastação devemos plantar árvores e preservar os rios. Se há muito lixo jogado, devemos iniciar por recolher o lixo. Se há falta de beleza, devemos iniciar pelo embelezamento, plantando flores e árvores frutíferas"(Bogo, 2000 p.40).

Dentro do Movimento uma das estratégias de introdução da agroecologia é o chamado “Dialogo de Saberes”. Consiste num novo modo de valorização do saber das pessoas que vivem nas suas comunidades. Através da estória de vida da família camponesa adequa-se o conhecimento técnico com soluções construídas junto com família .

Para o alcance da sustentabilidade dos agroecossistemas, a agroecologia adota como princípios básicos a menor dependência possível de insumos externos e a conservação dos recursos naturais. Em contrapartida os sistemas agroecológicos buscam maximizar a reciclagem de energia e de nutrientes, de forma a minimizar a perda desses recursos durante os processos produtivos(Almeida et al 2004).

A agroecologia na verdade nos mostra, nos faz entender a verdadeira dinâmica dos sistemas .

O que se procura com a agroecologia é a verdadeira sustentabilidade dos sistemas. Sustentabilidade segundo Gliessman (2001) é uma versão do conceito de produção sustentável a condição de ser capaz de perpetuamente colher biomassa de um sistema, porque sua capacidade de se renovar ou de ser renovado não é comprometida. Segundo o mesmo autor a sustentabilidade é alcançada através de práticas agrícolas alternativas orientadas pelo conhecimento em profundidade dos processos ecológicos que ocorrem nas áreas produtivas e nos contextos mais amplos dos quais elas fazem parte.

A transição agroecológica, pode ser definida como o processo gradual de cambio através do tempo nas formas de manejo e gestão dos agroecossistemas, tendo como meta a passagem de um sistema de produção que incorpore princípios métodos , e tecnologias com base ecológica (COSTABEBER ,2004)

### **3.3 EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA**

#### **3.3.1 CONCEPÇÃO DO MOVIMENTO E APRENDIZADOS DOS MORADORES DO ACAMPAMENTO EMILIANO ZAPATA.-(RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS)**

As entrevistas realizadas tiveram como objetivo entender as diferentes relações entre a agroecologia e a educação do campo na visão do MST e dos acampados do Emiliano Zapata em Ponta Grossa - Pr, com vistas á de alguma forma mostrar como esta o processo de Educação para Agroecologia no referido acampamento.

Foram feitas entrevistas gravadas com pessoas ligadas à Coordenação Estadual do Movimento e mais próximas do dia a dia do acampamento e do Setor de Produção do mesmo, e também pessoas ligadas ao Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) e ao Setor de Educação da parte estadual do MST bem como com os acampados .

**O primeiro questionamento feito ao Movimento foi a respeito da importância da agroecologia para a reforma agrária e qual a representação de agroecologia para os acampados.**

No Movimento há um consenso de que a agroecologia é um dos pilares da reforma agrária, embora se ressalte que a agroecologia é algo relativamente novo e que é um conceito em construção. Dizem que a agroecologia representa para o movimento social uma forma concreta de organizar a produção e a existência no campo, fazendo o embate com o modelo de agricultura capitalista denominado na última década de agronegócio.

Enfatizam ainda que para o movimento a agroecologia e a reforma agrária são questões cada vez mais próximas, embora esta idéia não tenham chegado a todas as comunidades do movimento no Estado, porque como tudo dentro de um movimento social depende do processo pelo qual cada comunidade esta passando, depende da história de vida das pessoas que estão nessas comunidades, de como a idéia da agroecologia esta sendo colocada, entre outros fatores.

Uma visão da agroecologia que se aproxima mais da visão dos acampados é a visão expressada pelo Setor Estadual de Educação do Movimento. Pensam a Agroecologia como um modo de vida que coloca as pessoas como agentes, como sujeitos da sua própria realidade como um todo. Sujeito que procura entender as diferentes relações entre a terra, os animais, as plantas. Que percebe que tudo está interligado.

Dentro desse pensamento sobre a agroecologia, a parte da Educação acredita que à medida que a agroecologia for trabalhada de forma prática também nas escolas do movimento ela ajude a manter as pessoas na terra, a formar pessoas que valorizem o que comem, o que plantam, que entendam o significado de cuidar da terra, de proteger as nascentes dos rios, de comer produtos sem agrotóxicos, entre outros.

Aliás produzir alimentos sem o uso de agrotóxicos é a concepção de agroecologia mais forte, encontrada no acampamento. Foi a mais ressaltada dentro da amostra de famílias entrevistadas.

A segunda questão mais relacionada à representação da agroecologia na visão dos acampados diz respeito à preservação ambiental, como o respeito à terra, à água, o cuidado com as árvores, a preocupação em deixar palhada cobrindo o solo, assim como o uso de adubação verde, e a confecção de preparados orgânicos para uso nos seus cultivos .

Surgiram ainda respostas que ligam a agroecologia com a produção de alimentos mais saudáveis e de plantio diversificado e manual .

**Outra questão abordada na entrevista é a de qual seja a importância da educação do campo para a viabilização da agroecologia na visão do movimento e a maneira de como a agroecologia vem sendo trabalhada na visão dos acampados.**

Para o Movimento a educação está intimamente relacionada a um projeto para o campo. Para o MST a educação nunca está dissociada de um projeto político, de um projeto de ser humano ao longo da história, da mesma forma que a educação do campo quando se entende ela sendo construída historicamente pelos movimentos sociais, e herdeira da própria educação popular, está intimamente relacionada com a proposta de campo na qual a

agroecologia faz parte. Segundo um monitor do PRONERA, sem uma nova postura, um novo processo de educação, também não se constrói um novo campo. A educação do campo deve ser construída pelos próprios sujeitos, a educação do campo tem como base a luta e a organização social. O monitor diz que deve existir consenso entre como é a realidade atual do campo e qual será a nova concepção desse campo, que quer se construir através da educação.

Já os moradores do acampamento quando perguntados de qual forma o movimento tem trabalhado a agroecologia questão que teve maior ênfase foi a da realização de cursos e encontros para discutir a agroecologia, a realização de oficinas, o incentivo do resgate do saber popular, o melhor convívio com o meio ambiente, promovendo momentos de estudo sobre agroecologia, o incentivo a troca de experiências sobre o assunto, entre outros.

**Outra questão abordada foi de que quais seriam as estratégias do Movimento sobre educação do campo e para os acampados que resultados teriam tido eles ao participar do trabalho realizado no acampamento sobre agroecologia.**

Apresentando primeiro o trabalho do Setor de Educação enquanto ligado mais à parte de educação formal, este esclarece que o Movimento possui várias frentes de atuação. Desde as cirandas infantis (organização que trabalha o aprendizado das crianças durante os eventos do movimento) passando pelo ensino fundamental e médio até a alfabetização de jovens e adultos pelas escolas itinerantes dos acampamentos.

O Setor explica que desde que as mulheres começaram a participar mais das atividades orgânicas do Movimento as crianças vieram junto. Dentro dessa nova realidade e da premissa de que todos são responsáveis pelas crianças, não só as mulheres, assim surgiu as cirandas infantis. Explicam, então, que surgiu a necessidade de preparar educadores para trabalhar com essas crianças durante os eventos e que para isso o movimento faz encontros periódicos com o intuito de preparar essas pessoas.

Afirmam ainda que essa iniciativa fez com que o movimento aprofundasse o conhecimento sobre a infância. Outra luta é pela creche do acampamento /assentamento. Garantir espaços em que as crianças tenham vivências oportunistas esses contatos, devem ter situações pensadas para que elas vivenciem para que possam realmente aprender.

Ainda na parte formal encontramos o ensino fundamental e médio formado pelas escolas itinerantes que vai desde o programa de preparação de educadores até como essas escolas vão se interferindo, vão trocando aprendizados. É consenso de que é preciso se discutir como essas escolas vão se tornando escolas do campo.

O Setor enfatiza que há também os centros de formação de agroecologia e que é nessa frente que está vinculado o Setor de Produção que tem os vários cursos que formam

militantes, jovens que vão trabalhar no acampamento/assentamento na agroecologia, no magistério, na saúde, e que se formam a nível médio.

Outra frente do Setor de Educação do Movimento é a Alfabetização de jovens e adultos. Existem turmas de Quinta a oitava séries e do ensino fundamental (que é o caso do Emiliano Zapata) e de segundo grau. No caso das crianças que estudam fora há um acompanhamento do método pedagógico da escola. No acampamento, dentro dos núcleos também existe pelo menos uma pessoa que acompanha os jovens que fazem cursos fora.

Voltando a questão da Educação não formal dentro do Movimento as estratégias passam por trazer para o ambiente escolar os aprendizados da luta do dia a dia do Movimento.

É tentar trazer para a escola aprendizados que possam ser potencializados e trabalhados também nesse ambiente parecido com aquilo que o movimento social trabalha e é por isso que nos nossos cursos, nas nossas escolas tem um processo de organicidade exatamente para dar vida a uma coletividade que é o esforço que se faz enquanto movimento social e que dentro da escola se exercita o que o movimento propõe no sentido de que a escola não é uma coisa a parte do Movimento. Mas ao mesmo tempo tem coisas diferentes dentro da escola que na ação da luta não trazem, que é a possibilidade de incorporar elementos teóricos, reflexões de ampliar uma série de questões de experimentar.

Na verdade a principal estratégia é a não desarticulação da vida concreta da pessoa em qualquer processo de formação.

Para os acampados do Emiliano Zapata as entrevistas mostraram que o maior resultado de participar dessas estratégias, dessas ações do MST para a agroecologia foi com relação alimentação mais saudável a experiência de aprender coisas práticas beneficiamento de reconhecimento do acampamento pela região, aperfeiçoamento técnico, o uso da reforma agrária como instrumento de realização da reforma agrária, uso racional dos recursos naturais, crescimento político e pessoal, ajudou a fazer caldas, compostos, coisas praticas como a jornada de agroecologia, uma maior consciência respeito do assunto, ensinaram a plantar entre outros.

**Outra questão aplicada foi sobre a implantação dessas estratégias de Educação não formal quais as dificuldades enfrentadas ?**

Para o Movimento a primeira delas é entender que o processo de formação é sempre lento, então exige uma continuidade, exige esforço, empenhar pessoas, energia, tempo, se

dedicar para essas questões que cada vez mais é considerada como fundamental mas é uma parte da luta que o movimento social tem, então entre as muitas atividades .

Outra dificuldade colocada pelo movimento é a material. Além da dificuldade material, tempo, dedicação necessária, nós ainda somos, dizem, carentes de informação e formação em relação a agroecologia para os nossos próprios técnicos. Temos ainda deficiências no processo de formação das nossas escolas, porque não temos todas as condições em relação aos educadores. Colocaram como dificuldade também as contradições entre os próprios dirigentes do movimento

A necessidade constante de estímulo para que os grupos se reúnam, discutam os temas propostos também se mostrou uma grande dificuldade. Outra dificuldade é elevar a escolarização dos sujeitos, para qualificar a participação nas reuniões. As pessoas acham difícil voltar a estudar.

Já para os acampados eles relataram como dificuldades em participar dessas estratégias de educação a falta de vontade, o comodismo a baixa escolarização (o que acham que dificulta a compreensão), a dificuldade em aceitar as normas do próprio acampamento, não querem deixar o trabalho da roça para participar confessaram terem preguiça de participar, alguns acham que a pouco incentivo dos dirigentes, situação muito precária dos eventos do Movimento entre outras.

Durante as entrevistas e de acordo com os relatos o que parece mais problema na participação das pessoas é a falta de compreensão devido a baixa escolarização ou até mesmo a falta de alfabetização.

### **Diante dessas dificuldades o que o movimento tem proposto e quais as ações que os acampados propõem para ampliar seu conhecimento sobre a agroecologia.**

O Movimento diz que diante do problema de infra-estrutura das dificuldades materiais o próprio processo de desenvolvimento da agroecologia tenta dar conta .

A construção que tem sido feita é que cada vez mais a gente tenha autonomia para fazer as nossas atividades estaduais, nas brigadas, nos assentamentos ,Ter as condições mínimas de transporte, de local para a gente depender menos de outras fontes, de recursos do governo que é importante, ajuda , mas que cada vez mais nós possamos andar com as próprias pernas para resolver a questão estrutural.

Dizem ainda que com relação à necessidade de pessoas, o Movimento tem investido cada vez mais na educação formal , inclusive nos cursos formais para ter pessoas, em

condições de fazer nas brigadas, no seu dia a dia, desenvolver a agroecologia e inclusive processos de educação não só dos nossos cursos, vamos dizer a técnica, mas fazer experiências, fazer junto com as pessoas do acampamento do assentamento. O Movimento acredita que isso é um processo educativo.

Colocam que de certa forma suas escolas orientam e buscam formar mesmo com os limites para isso na perspectiva de que cada vez mais tenham pessoas fazendo um conjunto de processos para dar conta disso.

Ressaltam que não existem só as técnicas do Paraná, tem cursos nacionais, níveis de graduação e de pós graduação, assim contribuindo no processo de educação para agroecologia.

Com relação aos dirigentes e suas contradições o Movimento coloca que o melhor é debater discutir para entrar em acordo diante desse tipo de conflito.

Na verdade o que tem dado mais certo é que quando as pessoas vêem alguma coisa de concreta acontecendo de positivo e mostra resultado, que isso tem uma capacidade de envolvimento muito maior do que qualquer palestra ou mesmo outros momentos como a jornada, então que são ferramentas importantes para o processo de educação não formal, mas não são suficientes. A maioria do nosso povo diz, precisa ver o vizinho fazer também. até porque isto está ligado a história de vida das pessoas. Alguns acreditam mais fácil, outros não, precisam de mais tempo. Por isso acreditamos que o processo de educação, a formação tem que ser diferente.

Com relação aos moradores do acampamento em Ponta Grossa as sugestões para se enfrentar as dificuldades nesse processo foram as seguintes: dizem que deve-se praticar a agroecologia mas apenas saber a teoria, querem que o debate seja mais contínuo no acampamento, desenvolver mais a mística da agroecologia que acham ser uma forma de convencimento e educação, voltar a fazer os campos de sementes, fazer dias de campo, desenvolver mais práticas no acampamento, incentivos por parte da direção do acampamento para a participação em encontros, trabalho de base começando por melhorar os índices de alfabetização do acampamento, ensinar os acampados a plantar, acompanhamento mais

freqüente de agrônomos ajuda do governo, organizar mais espaços de formação dentro do acampamento, condições materiais para as oficinas, envolver mais as pessoas em cursos não só os educandos formais. melhorar as trocas de experiências com outras entidades, melhorar as ações dos coordenadores dos núcleos.

Através dessa nossa investigação podemos perceber que o Movimento ainda busca um concepção para a agroecologia . O que consenso é que a agroecologia é hoje uma forma de se contrapor ao agronegócio .Na visão dos acampados o que é mais associado a agroecologia é a produção sem agrotóxicos.

Já a Educação do campo é considerada uma aliada na busca de superação desses e de outros desafios que a reforma agrária tem no nosso país.

A partir dessa fundamentação teórica partiremos na próxima etapa para a construção de hipóteses de possíveis soluções do problema levantado.

#### **4. DELINEANDO HIPÓTESES DE SOLUÇÃO DO PROBLEMA**

##### **4.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Esta etapa tem como objetivo a formulação de hipóteses de solução do problema de pesquisa apontado pela discussão da realidade observada .

A formulação das hipóteses de solução do problema foram construídas tendo como balizadores os pontos chaves do problema, a discussão da realidade observada e a fundamentação teórica, bem como as informações trazidas pelas entrevistas feitas com os acampados e com as pessoas que compõem a esfera estadual do Movimento Sem Terra, principalmente as ligadas ao Setor Estadual de Educação do Movimento.

**O problema de pesquisa a que nos referimos é o seguinte :** *De que maneira os espaços de educação não formal, criados pelo MST em seus acampamentos, podem assumir*

*um caráter educativo mediante a intencionalidade de se implantar um modelo agroecológico?*

Como os pontos-chave surgiram dos fatores e dos determinantes contextuais relacionados ao problema, acredita-se que as possíveis hipóteses de solução devam ser construídas através do conhecimento construído acerca dos mesmos.

Através desse conhecimento construído, consideramos que os pontos-chave relacionados ao problema desta pesquisa foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo de pontos-chave teve como característica a necessidade de uma exploração científica mais teórica, pois, referiam-se ao entendimento conceitual dos temas Educação do Campo e Agroecologia. O segundo grupo era representado pelo ponto-chave que estava associado à exploração empírica das representações que os acampados e as lideranças do movimento faziam do problema em discussão.

A educação do campo começou a aparecer como ponto-chave do problema na etapa de Observação da Realidade onde em uma entrevista com um dirigente do acampamento, este destacou com ênfase que o maior desafio da educação naquele momento era aumentar o nível de instrução das famílias.

Este dirigente destacou as ações que eram feitas dentro do acampamento para buscar alternativas ao problema destacando as turmas de educação formal, as discussões, o trabalho educativo desenvolvido nas reuniões e encontros dos vários setores do acampamento entre outros.

A discussão no decorrer do trabalho nos fez pensar que seria necessário *um trabalho de incentivo ao gosto pelo estudo, pela formação, dentro dos acampamentos /assentamentos já direcionado para a agroecologia.*

Vários aspectos dão indícios dessa necessidade. O primeiro é apontado pelos próprios acampados quando colocam a falta de alfabetização e a baixa escolarização como obstáculo a

uma melhor e maior compreensão e participação das discussões nos diversos setores do acampamento, bem como nos eventos do movimento.

A baixa participação das mulheres que não se acham capazes para discutir os assuntos da produção.

De que jeito participar dos grupos de estudos se as pessoas não são alfabetizadas ? Não que não possam participar oralmente, mas realizar a leitura de um livro, de uma cartilha, juntar os ingredientes que precisa ler para fazer uma calda, como fazer?

A escolarização formal não implica que deve-se deixar de lado as questões do Movimento, as questões de educação não formal como dizem Fernandes, Cerioli e Caldart (2004), a ênfase na questão da escolarização não deve implicar em um fechamento à discussão sobre as inúmeras experiências significativas de educação não formal, de caráter popular, existentes no meio rural hoje.

Também segundo os mesmos autores a escolarização não é toda a educação, mas é um direito social fundamental a ser garantido para todo o nosso povo seja no campo ou na cidade.

Alfabetização segundo MST(2003, p.9)

[...] não é apenas uma campanha, pode até começar como uma. Alfabetização é um processo para capacitar as pessoas a dominar um determinado código de linguagem, a partir da apreensão da lógica do mesmo. Este processo de capacitação diz, só é possível quando parte das reais necessidades dos analfabetos e da classe trabalhadora, a partir do MST.

Reforça a questão de melhorar o nível de instrução das famílias o que diz MST (2001) foi a valorização do estudo que fez crescer no movimento a consciência da importância da escolarização do povo.

Do ponto de vista operacional poderiam ser eleitas pessoas do próprio acampamento com um nível de escolarização maior que os outros e estas pessoas começariam a alfabetizar os moradores que por alguma razão não tiveram essa oportunidade. Depois, gradativamente,

essas pessoas começariam a freqüentar as séries normais oferecidas no acampamento até a construção de uma escola.

Outro aspecto bastante ressaltado é a questão da prática, *dar estímulo para que os moradores dos acampamentos desenvolvam experimentos sobre agroecologia que eles tenham domínio através do seu saber* e queiram passar para a comunidade apoiados pelos dirigentes do movimento e do acampamento.

Essa foi uma questão que apareceu bastante nas entrevistas. Os acampados expressaram a vontade de aprender a agroecologia mais através da prática.

Aquele morador que tivesse essa vontade montaria o experimento, a oficina ou a prática que dominasse e passaria para os outros moradores. Com o passar do tempo poderia haver um intercâmbio dessas experiências com outros acampamentos e assentamentos.

Acreditasse que isso seria também uma forma de valorizar o saber local para as pessoas aprenderem no próprio local onde moram, com elementos da sua realidade. O apoio dos dirigentes, tanto da parte estadual quanto do acampamento, seria o de fazer a ponte entre a parte teórica e a prática como uma forma de complementação.

O segundo grupo de pontos-chave está relacionado à exploração empírica das representações que os acampados e as lideranças do movimento fazem do problema em discussão.

A visão do movimento a respeito da agroecologia é de que esta e a reforma agrária são questões cada vez mais próximas.

A agroecologia para os líderes do Movimento é uma forma de se contrapor ao modelo representado pelo agronegócio. Dizem ainda que a agroecologia é uma forma concreta de pensar a produção, de as pessoas se colocarem como sujeitos da sua realidade e que a agroecologia seria um dos pilares da reforma agrária.

Na visão dos acampados, para a maioria a agroecologia é plantar sem o uso de agrotóxicos, cuidar das nascentes, é a produção de alimentos saudáveis, é plantio diversificado e manual, fazer adubação verde, entre outras.

Com relação à educação do campo, as lideranças do Movimento dizem que ela está intimamente relacionada a um projeto de campo na qual a agroecologia faz parte.

Também afirmam que a educação nunca está dissociada de um projeto político, de um projeto de ser humano. Que a base da educação dentro do movimento social é a luta e a organização social

Para os acampados, o resultado a que chegaram ao participar das estratégias de educação não formal pode ser resumido por diferentes aprendizados, como: a busca por uma alimentação mais saudável, a experiência de aprender coisas práticas como o preparo das caldas e compostos, o reconhecimento do acampamento pela região, aperfeiçoamento técnico, o uso da agroecologia como instrumento de realização da reforma agrária, uso racional dos recursos naturais e o crescimento político e pessoal.

Diante disso propomos como hipótese de solução de que fosse desenvolvido um *método de acompanhamento compartilhado entre os acampados e o movimento dos aprendizados dos moradores do acampamento a respeito da agroecologia e também sobre outros assuntos de interesse da comunidade.*

Esse método seria construído pelas famílias e pelos núcleos que informariam a direção do movimento do andamento dessa ação. Por outro lado o movimento poderia dar suporte técnico nos assuntos tirados como demanda pelo acampamento.

Concluindo esta etapa temos três hipóteses de solução do problema levantado que podemos ver no Quadro 1 (p.44).

Espera-se que essas hipóteses de alguma maneira possam ajudar na resolução do problema ou que pelo menos possam dar estímulo para começar a caminhada na sua busca.

<b>PONTO-CHAVE DO PROBLEMA</b>	<b>HIPÓTESES DE SOLUÇÃO</b>
<b>1. O significado da Educação do Campo.</b>	1.1 Trabalho de incentivo ao gosto pelo estudo, pela formação, dentro dos acampamentos /assentamentos já direcionado para a agroecologia
<b>2. O significado da Agroecologia.</b>	2.1. Estímulo para que os moradores dos acampamentos desenvolvam experimentos sobre agroecologia, que eles tenham domínio através do seu saber e queiram passar para a comunidade apoiados pelos dirigentes do movimento e do acampamento.
<b>3. A exploração empírica das representações do problema.</b>	3.1 Método de acompanhamento compartilhado entre os acampados e o Movimento, dos aprendizados dos moradores do acampamento a respeito da agroecologia e também sobre outros assuntos de interesse da comunidade

**Quadro 1 - Pontos-chave do problema pesquisado e suas respectivas hipóteses de solução.**

A seguir passaremos para a etapa de aplicação da realidade na qual procuramos colocar nossos compromissos de acordo com as hipóteses construídas.

## **5. APLICAÇÃO À REALIDADE**

Esta etapa tem por objetivo expor nossos compromissos com relação à transformação da realidade da parcela de onde levantamos o problema de pesquisa, por meio da adoção de uma ou mais hipóteses, sendo que, as ações aqui propostas são as que dependem de nossa atuação junto ao Movimento Sem Terra, no acampamento Emiliano Zapata

Através dos contatos que tivemos no Movimento, principalmente no Setor de Educação, em todo o estado, pretendemos acompanhar os trabalhos a respeito da primeira hipótese na qual propusemos uma ênfase do Movimento no desenvolvimento do gosto pelo estudo entre os acampados, o que geraria um aumento do nível de alfabetização e de escolarização.

No estado como um todo, pretendemos passar uma cópia deste trabalho ao Setor de Educação do Movimento, pois, acreditamos que de alguma forma possamos contribuir com o Setor através dessa pesquisa.

O nosso segundo compromisso se refere ao acampamento. Nos comprometemos a repassar uma cópia deste trabalho aos dirigentes do acampamento Emiliano Zapata e fazer uma pequena apresentação às famílias, como uma forma de retorno pela contribuição dada por eles durante a realização desta pesquisa.

Outra ação que está em nosso alcance e é uma das exigências para a certificação no curso, é a publicação dos resultados na forma de artigo em revistas especializadas nas áreas de ciências agrárias, educação e sociologia.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Começamos nosso estudo a partir de um anseio pessoal de conhecer um pouco da área de educação dentro de um movimento social. Iniciamos este estudo adotando uma metodologia que nos fez refletir, acredito, de uma maneira mais próxima da realidade a que nos propomos investigar.

A metodologia utilizada foi a da Problematização, baseada no Arco de Maguerez. A cada etapa percebia o quanto é importante adequar a metodologia à proposta de investigação.

O problema a que nos propomos investigar se refere a “*De que maneira os espaços de educação não formal, criados pelo MST em seus acampamentos, podem assumir um caráter educativo mediante a intencionalidade de se implantar um modelo agroecológico?*”

Na tentativa de responder a esse questionamento recorremos a várias fontes de conhecimento para embasar nossas hipóteses. Lançamos mão de dados teóricos e empíricos

sobre Educação do Campo e Agroecologia. A concepção a respeito dos temas pelo Movimento e pelos acampados, também foi determinante na construção das hipóteses.

Parte importante também foi a reflexão que nos proporcionou a pesquisa bibliográfica representada pelo posicionamento dos autores a respeito dos determinantes contextuais do problema, quais sejam, a Educação do Campo e a Agroecologia .

Verificamos que os espaços de educação não formal dentro do acampamento de uma maneira geral, podem se tornar educativos á medida que o nível de conhecimento das famílias melhore através de um investimento na alfabetização e aumento da escolarização, pois isso se refletiria na participação das pessoas nesses espaços. Acreditamos que a implantação de experimentos desenvolvidos pelos acampados em Agroecologia também possam dar a sua parcela de contribuição nessa luta. Que a busca de um “monitoramento “ desses resultados possa vir através de um método de acompanhamento compartilhado entre acampados e o Movimento. Tudo isso se fundamenta a partir principalmente, das respostas dos moradores do acampamento e dos dirigentes.

Com relação a questões mais específicas levantadas como objetivos desse trabalho percebemos que as estratégias do movimento no âmbito da educação não formal se referem principalmente a não desarticulação da vida concreta da pessoa em qualquer processo de formação.

Já com relação aos acampados do Emiliano Zapata as entrevistas mostraram que o maior resultado de participar dessas estratégias, dessas ações do MST para a Agroecologia foi com relação alimentação mais saudável, a experiência de aprender coisas práticas, beneficiamento de reconhecimento do acampamento pela região, aperfeiçoamento técnico, o uso da Agroecologia como instrumento de realização da reforma agrária, uso racional dos recursos naturais, crescimento político e pessoal, ajudou a fazer caldas, compostos, coisas

práticas como a jornada de Agroecologia, uma maior consciência a respeito do assunto, ensinaram a plantar entre outros.

Como vimos através da experiência dos acampados ao participarem das estratégias de educação não formal para a Agroecologia podemos então compreender qual seria o papel dos espaços de educação não formal no MST-Pr com vistas a consolidação de modelos de produção agroecológicos.

O que podemos perceber é que esses espaços geralmente devem privilegiar as construções de práticas mais próximas ao dia a dia dos acampados no que concerne a Agroecologia.

Quanto a nossa contribuição a novos subsídios que possam de alguma maneira melhorar os espaços de educação não formal, acreditamos que nossas sugestões de hipóteses de solução do problema levantado na etapa de OBSERVAÇÃO DA REALIDADE, possam dar possíveis respostas a essa questão.

Dentro dessa perspectiva ressaltamos a significativa importância do tema desta pesquisa e percebemos então seu alcance a medida que colocamos as pessoas como parte mais importante no processo de educação, que é contínuo, porque nós estamos sempre nos renovando como seres inconclusos e inacabados que somos.

## 7. REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A . **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Trad. Patrícia Vaz Rio de Janeiro, RJ: PTA/FASE, 1989. 240p.

ALTIERI, M.A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Editora Agropecuária, 2002, 592p.

ARROYO,G.M; CLADART,S.R; MOLINA,C.M.(ORGS) **Por uma educação do campo**. Petrópolis ,RJ :Vozes, 2004

Bogo, Ademar 2000 "**Desafios permanentes do MST**" em *Reforma Agrária: por um Brasil sem latifúndio - 4o Congresso Nacional MST (Brasília)*.

BERBEL, N. A. N. (Org.). **Conhecer e Intervir: o desafio da metodologia da problematização**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

COSTABEBER, J. A. **Transição Agroecológica: Do Produtivismo à Ecologização (Material Didático Agroecologia)**, Brasília: MDA/FAO, 2004.

Costa Neto, Canrobert 1999 "**Agricultura sustentável, Tecnologias e Sociedade**" em Luis Flávio de Carvalho Costa e outros (orgs) *Mundo Rural e Tempo Presente* (Rio de Janeiro: Mauad)

CAPORAL F. R. e COSTABEBER, J. A. **Agroecologia - Enfoque científico e estratégico. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.**, Porto Alegre, v.3, n.2, Abr./Junh.2002.

CARMO, Maristela S. do. **Desenvolvimento rural sustentado: economicidade e políticas**. In: Anais do 22º Encontro do Projeto de Intercâmbio de Pesquisa Social em Agricultura (P.I.P.S.A), novembro, 1996.

CARMO, Maristela S. do; SALLES, Julieta T. A O; COMITRE, Valéria. **Agricultura sustentável e o desafio da produção de alimentos no limiar do terceiro milênio**.

Revista Informações Econômicas, SP, v. 25, n. 11, p. 25-35, nov. 1995.

EGGER, K. **Ecofarming in the tropics; characteristics and potentialities**. *Plant Res. And Dev.*, v. 13, p.96-106, 1981.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. **Relatório e recomendações sobre agricultura orgânica**. Trad. Iara M. C. Della Senta, Brasília: CNPq. 1984. 128p.

Fonseca, A. M. e Lima, M. H. **Uma nova perspectiva de educação em movimentos sociais: experiência no movimento dos trabalhadores rurais sem-terra**. IN: Anais do II Seminário de Iniciação Científica da Universidade de Uberaba. Uberaba – MG, 2001.

GLIESSMAN, S. R.; GARCIA, E.R.; AMADOR, AM. **The ecological basis for the application of traditional agricultural technology in the management of tropical agroecosystems**. *Agroecosystems*, v.7, p.173-185, 1981.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**, 2º ed., Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos de Formação**. n.08, 1991.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Cadernos de Educação. Como fazemos a Escola de Educação Fundamental** n.09, 1999.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Cadernos de Educação. **Alfabetização de Jovens e Adultos .Como Organizar**. n.03, 2003

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Cadernos de Educação. **Alfabetização de Jovens e Adultos Didática da Linguagem** n.03, 2003.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Boletim da Educação- Pedagogia do Movimento Sem Terra -Acompanhamento as Escolas** .n.08,2001

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Boletim da Educação**.n.09,2004

PISTRAK, M.M. **Fundamentos da escola do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

Vieitez, C.G.; Dal Ri, N.M. **A educação do movimento dos sem-terra: Instituto de Educação Josué de Castro**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1379-1402, set./dez. 2004.

**ANEXOS**

## QUESTIONÁRIO - ENTREVISTA (MST – LIDERANÇAS-COORDENAÇÃO ESTADUAL)

1) Qual a concepção do MST a respeito de agroecologia e seu significado para a reforma agrária?

---

---

---

---

2) Na visão do movimento que importancia tem a educação do campo para a viabilização da agroecologia?

---

---

---

---

3) Quais estratégias o movimento tem utilizado de educação do campo ?

---

---

---

---

4) Na implantação dessas estratégias de Educação não formal quais as dificuldades enfrentadas?

-

---

---

---

---

5)Diante dessas dificuldades o que o movimento tem proposto ?

---

---

---

---

## QUESTIONÁRIO - ENTREVISTA (MST – ACAMPADOS)

1)Qual a representação de agroecologia ( o que é agroecologia para você) como acampado (como morador do Emiliano Zapata)?

---

---

---

---

---

2)De que maneira o MST tem trabalhado a agroecologia no seu acampamento?

---

---

---

---

---

3) De resultado tem tido para você participar dessas ações ,dessas estratégias do MST para a agroecologia ?

---

---

---

---

---

4)O que você tem visto que tem dificultado a participação dos acampados nos espaços de Educação não formal para a agroecologia?

---

---

---

---

---

5)Quais as ações (sugestões) de Educação que poderiam ser feitas no acampamento (que ser realizadas )para ampliar o seu aprendizado sobre a agroecologia?

---

---

---

---

---